

Bordas, fronteiras, limites, deslocamentos

Enrique Tenenbaum, por
Trilce / Buenos Aires Institución del Psicoanálisis

A tradução entre idiomas não traduz apenas conteúdo, ela também traduz formas de pensar e de organizar uma realidade, ela estabelece uma estrutura na qual a história contada é tingida com as cores do tradutor e pelas coerções de um idioma; daí o famoso *traduttore traditore*: não há tradução que não seja também interpretação.

Barbara Cassin, defensora fervorosa de termos intraduzíveis, aponta que mesmo a forma de cumprimentar em cada idioma abre um mundo diferente: não é o mesmo dizer *Good morning*, bom dia, que *Shalom*, a paz esteja com você, que *Khaire*, aproveite seu dia¹. Cada idioma enquadra um mundo possível, e nosso Movimento está pronto para não esquivar a dificuldade. Fronteiras, bordas, litorais entre idiomas, entre mundos possíveis.

Fronteiras e Deslocamentos, como o título foi traduzido para o francês, evoca a situação geopolítica que vem ocorrendo há algumas décadas e que continua, uma situação em que a miséria e a guerra são produtos da colonização pelos países mais ricos em recursos econômicos, políticos e armados, e que envolve os chamados países pobres, pobres nos recursos mencionados, mas ricos em matérias-primas e mão de obra barata. Esta situação geopolítica induz, como resultado, o deslocamento de corpos. E não apenas de humanos. Hoje, a imparável marcha de elefantes na China, um produto da transformação de seu habitat, está nas notícias.

Nesta perspectiva, o título sugere que a psicanálise deve tomar partido ou situar-se em relação aos deslocamentos humanos em direção aos países colonizadores, na busca de condições de sobrevivência mais dignas. É possível que já exista uma clínica que possa atestar isso.

No entanto, bordas no plural e deslocamento no singular, como apareceu no convite original no idioma inglês (*Borders: Psychoanalysis and Displacement*²) traz em jogo outro cenário, que é o do deslocamento nas próprias bordas da psicanálise. Nesta leitura, o deslocamento não diz respeito aos corpos, mas a um mecanismo ou operação dentro do aparelho psíquico – Freud – ou à linguagem – Lacan.

O que é deslocado, como o termo freudiano *Verschiebung*, não se refere necessariamente a um lugar, não é que algo vá de um lugar para outro, mas sim que se afaste, ou seja adiado, e isso também é traduzível por adiamento. Freud se refere ao acento psíquico, Lacan à deformação (*Entstellung*).

A mudança de acento, como uma operação de elaboração onírica, induz a uma esperada mudança do sentido, como acontece na música com as síncopes, ou com a acentuação de tempos fracos. O exemplo de Freud da solteirona que transfere sua ternura para seu cão é claro: o acento não está

¹ B. Cassin. *Más de una lengua*. FCE, BsAs 2014

² Comunicação via FID em 26/1/2021

onde se esperaria, na falta de um filho, mas no que simbolicamente o metaforiza. É pela mudança do acento, pelo acento colocado no cãozinho, ou no item de colecionador, ou na bandeira do soldado³, que podemos ler que o afeto foi deslocado, transferido, do objeto supostamente natural para outro que o simboliza. Tal é o caso do obsessivo que chora na sepultura de um estranho, mas não derrama uma única lágrima na morte de sua irmã.

Entre os psicanalistas, mudanças de acento, ou seja, mudanças dentro do próprio discurso psicanalítico, muitas vezes resultaram em fraturas e divisões institucionais. Para aqueles cujo acento estava no ritual, nos 50 minutos por relógio, o corte das sessões orientadas por uma abordagem lógica do tempo era inaceitável. Lacan foi interditado pela IPA, entre outras razões, por ter interpretado e subvertido o conforto de um ritual. Lembremo-nos de como termina o texto escrito da Proposta de 10/9/67. Lacan cita um analista americano que teria dito: “É por isso que nunca atacarei as formas instituídas, (...) elas me asseguram sem problemas uma rotina que é o meu conforto”⁴.

O deslocamento como mudança de acento⁵ – e como uma deformação, ou desvio – entre Ich como Eu – nos pós-Freudianos – e Ich como sujeito⁶ (Wo Es War sol Ich werden) produzido por Lacan, dividiu as águas entre a psicanálise chamada do Eu – a psicologia do ego ou *ego psychology* – e aquela que estamos tentando praticar. O acento que se desloca – em alguns “lacanianos” – de um Lacan que mantém, sem nunca recuar, que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, para um Lacan que só se ocuparia do gozo suposto no Um-Sozinho, divide outras águas, nas quais o rio de transferência parece estar em perigo de secar.

Neste momento, a questão do que especifica – no mínimo – uma prática como psicanalítica é, mais uma vez, a ordem do dia. Freud o chamou de *schibboleth*⁷, lembre-se: a análise dos sonhos, ou levar a psicanálise até o limite das suas possibilidades. A cada volta em sua teorização, esse limite se deslocava, partindo da hipnose para chegar à cena primária, passando à conscientização do inconsciente, depois à resolução da neurose de transferência, seguidamente à articulação dos efeitos da pulsão da morte na reação terapêutica negativa, para citar apenas alguns pontos de inflexão.

Lacan se perguntou, lá no RSI, qual é o limite da metáfora⁸. Poderíamos introduzir uma pergunta semelhante, sobre qual é o limite dos deslocamentos discursivos, teóricos, ou da própria práxis, que nos autoriza a nos situarmos naquela superfície de uma única borda, de uma única face, que é a que nos preocupa quando nossa viagem repara no horizonte da passagem da intensão à extensão.

É fácil apelar para esta figura de uma única borda para supor que estamos sempre no discurso da psicanálise apenas nos expressando no jargão lacaniano. Parece que nunca corremos o risco de cair, de ultrapassar a borda, de sair do nosso território discursivo. É este o caso?

³ S. Freud. *A interpretação dos sonhos*.

⁴ J. Lacan, *Proposição de 9/10/1967*

⁵ Freud, Conferencia IX

⁶ J. Lacan, *Seminário VI e passim*.

⁷ Freud, Conferencia XXIX

⁸ Lacan, RSI, 17/11/74

A *Convergencia* como movimento, que ocupa diversas posições em termos de treinamento e transmissão da psicanálise, propõe os múltiplos laços que nos permitem questionar esse conforto de rotina e resistência à psicanálise à qual Lacan aludiu. A Ata de Fundação incentiva o trabalho tanto nas criações institucionais quanto nos paradoxos da divergência na convergência – as “diferenças fecundas”⁹, – assim como os efeitos – de deslocamento, de mudança de acento, de singularidades locais – que a pluralidade de idiomas implica para a interpretação e tradução de textos e transcrições.

Estas são algumas das várias maneiras de situar os deslocamentos em relação às próprias bordas da psicanálise e suas consequências.

⁹ *Convergencia*, Convênio fundacional